



REDE  
TEMPO  
BRASIL



UFRJ



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

**Alberto Guerreiro Ramos: vida, obra e crítica da sociologia do negro<sup>I</sup>**

---

Luiz Gonçalves Cavalcante Aguiar da Silva<sup>II</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata acerca de parte da vida, obra e da crítica da sociologia do negro empreendida por Alberto Guerreiro Ramos. O artigo surgiu a partir de um trabalho realizado para conclusão de uma disciplina do doutorado em História Comparada no PPGHC/UFRJ, na disciplina Promoção das culturas e dos saberes de negros e indígenas, ministrada pelo professor Wallace de Moraes.

**Palavras-chave:** Teoria Social; Sociologia Brasileira; Cultura.

**Alberto Guerreiro Ramos: Life, work and criticism of the sociology of the negro**

**Abstract:** The current article deals with parts of the life, work and the critical approach about the sociology of black elaborated by Alberto Guerreiro Ramos. This essay came up during a discipline in the Comparative History Phd, PPGHC/UFRJ, and the discipline was *Promotion of culture and knowledge of black and indigenous*, lectured by Phd teacher Wallace de Moraes.

**Key-words:** Social Theory; Brazilian Sociology; Culture.

SILVA, L. G. C. A.

### Primeiros anos

O sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos nasceu na cidade de Santo Amaro, na Bahia, em 1915. Guerreiro, nascido em família negra, nos anos 30, ainda em sua juventude, encontrou-se ligado ao integralismo na Bahia, publicando poesias e estudos literários em jornais e revistas.<sup>III</sup> Sua militância no integralismo ocorre ainda na sua adolescência, por volta dos 17 anos de idade, sem manter vínculos duradouros com o movimento. Com 24 anos de idade, constituiu pequena biblioteca e assinou periódicos, como as revistas francesas *Esprit* e *Ordre Nouveau*. Guerreiro recebeu orientação de um padre de origem alemã, exercendo durante a sua juventude um papel de mentoria. Teve assim contato com o tomismo, o existencialismo e o personalismo.<sup>IV</sup> Teve contato com trabalhos de autores como Maritain, influência principal em seu contato com o tomismo, e Heidegger, Jaspers, Mounier e Berdyaev, por parte das outras duas correntes de pensamento. Em 1939, mudou-se para a então capital federal, o Rio de Janeiro. Formou-se pela Faculdade Nacional de Filosofia no ano de 1942 em Ciências Sociais, completando também a formação em direito no ano seguinte. Segundo seu próprio testemunho, a possibilidade de ingressar no quadro docente da Universidade do Brasil em 1943 acabou não se consolidando por conta de seu passado integralista, sendo preterido por Vítor Nunes Leal, para primeira cadeira, e por Luís Costa Pinto, para a segunda.<sup>V</sup>

Ainda em 1943, auxiliado por San Tiago Dantas, Guerreiro ingressou no recém criado Departamento Nacional da Criança. Pouco depois, ingressou no DASP, Departamento de Administração do Serviço Público, efetivado no ano de 1945.

### O Teatro Experimental do Negro

Em 1944, Guerreiro participa da criação do Teatro Experimental do Negro, desenvolvendo forte ligação com Abdias do Nascimento e com outros pensadores que criticavam o racismo no Brasil. Ramos também escrevia de maneira regular para a revista *Quilombo*, publicada em dez volumes, entre dezembro de 1948 e julho de 1950. A revista ajudou a expandir a área de atuação do TEN, com o fim de conquistar a autonomia do negro na então recente abertura democrática brasileira. Guerreiro ajudou a criar o Museu do Negro e o Instituto Nacional do Negro. Segundo Abdias do Nascimento, “O negro rejeita a piedade e o filantropismo aviltantes e luta pelo seu direito ao direito”, porque, em termos históricos, o negro sempre ganhou sua liberdade por sua própria luta e pela insubsistência do regime escravocrata.”<sup>VI</sup>

Entre os objetivos e meios da revista estavam elencados: a colaboração na formação de uma consciência de que não existem raças superiores nem servidão natural; o esclarecimento do negro de que a escravidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não podendo constituir motivos para ódios ou ressentimentos ou inibições motivadas pela cor da pele que lhe recorda o passado ignominioso; lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive estabelecimentos militares; combater os preconceitos de cor e de raça e as discriminações que por esses motivos se praticam; Pleitear para que seja previsto o crime de discriminação racial e de cor em nossos códigos, tal como se fez em alguns estados da América do Norte e na Constituição cubana de 1940.<sup>VII</sup>

Foi iniciativa do INN a instituição do Museu do Negro na capital carioca, em janeiro de 1950. O INN era presidido por Guerreiro Ramos, e tinha o objetivo de reunir especialistas,

SILVA, L. G. C. A.

pesquisadores e estudiosos de todos os assuntos de interesse da população negra, quaisquer que fossem os aspectos, seja em relação ao caráter sociológico, antropológico, histórico, folclórico, religioso, para que pudesse ser criada uma inteligência negra brasileira.<sup>VIII</sup>

Conforme Guerreiro Ramos, em sua obra *Introdução crítica à sociologia brasileira*, o “problema do negro”, tal como foi colocado na sociologia brasileira, é um ato de má fé ou um equívoco, e tal equívoco só poderá ser desfeito por meio de uma tomada de consciência por parte do nosso branco ou pelo nosso negro, que segundo ele é culturalmente enbranquecido, de sua alienação e enfermidade psicológica. Esta dimensão psicológica está relacionada ao sentido de descolonizar a psique negra dos complexos gerados pela referência ética, estética e cultural da branquitude. Numa dimensão sociológica, a afirmação da negritude e da contribuição histórica e cultural do negro para a construção da nação brasileira.

### **Teoria social e obra**

De acordo com Azevedo, Guerreiro Ramos está identificado com a linhagem sociológica fundada por Silvio Romero, de que os fins da literatura se subordinavam ao critério político, isto é, à sua contribuição para a formação de uma identidade nacional. Além disso, Azevedo também indica que os escritos de Guerreiro para a revista oficial do Estado Novo contém, em germe, a perspectiva analítica e também algumas de suas categorias fundamentais para a sua abordagem sociológica, tais como as de alienação, transplantação, autenticidade, formalismo, dualidade entre valores autóctone e valores coloniais, etc.

Transplantação significa a apreensão e reprodução literal de categorias estrangeiras. Guerreiro Ramos condenou a transplantação, tanto na área da literatura quanto na área da sociologia. Para Guerreiro, a transplantação estava se tornando uma conduta ordinária de sociólogos e antropólogos brasileiros. Para ele, a normalidade de tal fato era em si mesma uma patologia, que chamou de *patologia da normalidade*. Guerreiro chamou este processo de “doença infantil da sociologia no Brasil”.

A cura para tal doença seria possível apenas após um processo de descolonização das mentalidades dos cientistas sociais brasileiros, sendo a análise sociológica muito importante neste processo de cura. A partir de tal análise, provém a segunda preocupação constante de Guerreiro Ramos de acordo com Azevedo, a saber, a denúncia do caráter ideológico dos pressupostos sobre os quais as ciências sociais foram constituídas. Por conta disso, seria necessária uma revisão dos postulados e dos esquemas contemporâneos de divisão das ciências sociais.

Para justificar sua abordagem, baseou-se na constatação de que a configuração social e política das nações afastou-se demasiadamente das configurações da época em que a divisão disciplinar das ciências sociais tomou forma. Por conta disso, um quadro disciplinar dividido em economia, sociologia, antropologia, ciência política, correspondia apenas a uma época histórica em que a Europa e um pequeno grupo de empresários europeus constituíam o núcleo dominante do mundo, e não apenas do ocidente.

Azevedo afirma que Guerreiro, já nos anos 40, afirmava que as Ciências Sociais, na forma que assumiram nos meios acadêmicos oficiais, são, em grande parte, uma ideologia de dominação, por conta de seus enunciados gerais já se encontrarem com o que poderia se chamar de “ilusão etnocêntrica”, da maneira com que dificultam a compreensão global do processo histórico-social e dislocam a atenção dos estudiosos para aspectos fragmentários de tal processo. O contexto mundial da época seria, para Guerreiro, propício para uma tarefa de cunho revisionista das ciências sociais, de maneira que se pudesse construir uma teoria social com

SILVA, L. G. C. A.

atualizações de acordo com as novas exigências dos mais diversos aspectos, sejam as humanas, nacionais e mundiais. Para que tal revisão pudesse se concretizar, seria fundamental que a *intelligentsia* dos países periféricos contribuisse no sentido de depurar os elementos e o teor ideológico e etnocêntrico da teoria social. Dessa maneira, Guerreiro visualizou uma teoria social de cunho ecumênico, pluralista e multicêntrica, direcionando cerca de trinta anos de pesquisas e reflexão para este fim.<sup>IX</sup>

O conceito mais famoso de Guerreiro Ramos é o de “redução sociológica”, que segundo o autor é um método destinado a habilitar o estudioso a praticar a transposição de conhecimentos e de experiências de uma perspectiva para outra. Sua inspiração será a consciência sistemática de que existe uma perspectiva brasileira. Para ele toda cultura nacional é uma perspectiva particular. Por conta disso a redução sociológica é, “apenas, modalidade restrita de atitude geral que deve ser assumida por qualquer cultura em processo de fundação”, o que seria o caso do Brasil.<sup>X</sup> Para Azevedo, da maneira como foi definida por Guerreiro, a redução seria antes de qualquer coisa, uma atitude metódica, subordinada a regras procedimentais, em que a adoção por parte do sociólogo implicaria na sua capacidade e condição para prosseguir, de maneira crítica-assimilativa, frente a todas as categorias científicas e experiências com origem em outras realidades nacionais ou regionais. Guerreiro apontava pressupostos teóricos importantes, como o princípio da intencionalidade, bem como as noções de mundo e de engajamento ressaltadas pela fenomenologia e pelo existencialismo. Além disso, o perspectivismo de Ortega y Gasset e Mannheim, a razão histórica de Dilthey e a razão vital, também de Ortega y Gasset, foram elementos que inspiraram Guerreiro Ramos em sua razão sociológica. Outros conceitos incluem a dialética de George Guvitch e a noção de fenômeno social, de Marcel Mauss. A partir de tais conceitos, bem como de outros, Guerreiro afirmou que a redução sociológica não admitia a existência na realidade social de objetos sem pressupostos.

Com o fim de normatizar a atitude metódica da redução sociológica, Guerreiro Ramos enunciou quatro leis. A primeira deles se refere ao comprometimento, no sentido de engajamento do cientista social e compromisso consciente com o seu contexto. Uma visão de mundo não seria adquirida apenas por meio de esforço intelectual, mas também com o engajamento vital que faz com que as coisas adquiram sentidos. A segunda lei se refere ao fato de que toda produção científica estrangeira é de caráter subsidiário para o sociólogo comprometido com uma determinada realidade, pois sujeitos e objetos estão no plano concreto e não no plano transcendental. A terceira lei apontava a universalidade dos enunciados gerais da ciência, tendo em vista que, já não existia um isolamento dos povos ou um atomismo de nações e além disso, a universalidade da ciência também teria origem no fato de que todos os que a ela se dedicavam participariam de um mesmo círculo semântico, ou seja, admitem como válido um mesmo repertório central de enunciados. A quarta lei pressupõe um estilo de pensar os fenômenos sociais fundamentado no que se pode chamar de razão sociológica, que teria uma referência básica a partir da qual tudo o que acontece em determinado momento de uma sociedade adquire seu exato sentido. A referência básica recebeu o nome de “fase”. Por trás de tal pressuposto, de acordo com Azevedo, está a categoria de totalidade, onde os fenômenos sociais eram encarados enquanto fenômenos totais. Uma fase, para Guerreiro, era uma totalidade histórico-social, cujas partes encontram-se em relações dialéticas.<sup>XI</sup>

Acerca da temática de relações raciais e o negro no Brasil, Guerreiro escreveu o artigo *O problema do Negro na Sociologia Brasileira*, publicado originalmente em 1954, nos *Cadernos de Nosso Tempo*, 2. No artigo, Guerreiro discorre sobre o fato de existir, já naquela época, farta literatura de caráter histórico e antropológico, produzida por autores estrangeiros e nacionais sobre o problema do negro no Brasil. Nesta literatura, de acordo com Ramos, está

SILVA, L. G. C. A.

implícito um modo de ver que está em contradição com as tendências de autonomia espiritual e material do Brasil, tendo em vista que o negro foi exaustivamente estudado a partir de categorias e valores transplantados predominantemente da realidade europeia, e nesse aspecto, tanto os autores estrangeiros quanto os brasileiros não se distinguem.<sup>XII</sup>

Guerreiro primeiramente examinou a literatura que mencionou com o objetivo de desmascarar seus equívocos e denunciar a sua alienação, o que para ele era necessário antes que se pudesse estudar a situação do negro tal como ela é efetivamente vivida na sociedade brasileira. A própria literatura é descrita por Guerreiro como ilustrativa do que há de problemático a respeito da condição do negro na sociedade brasileira, razão pela qual Guerreiro afirma tratar mais da literatura em si do que do problema do negro no Brasil.

Guerreiro chama a atenção para o fato dos cientistas sociais brasileiros serem basicamente repetidores, utilizadores de conceitos pré-fabricados, pobres de experiências cognitivas que foram genuinamente vividas, sendo vítima fácil para centros europeus e norte-americanos de investigação.

O autor recorda que os princípios gerais de conhecimento positivo são universais, porém também afirma a existência de uma ciência nacional em qualquer país de cultura autêntica. Isto é, o trabalho científico, via de regra estaria diretamente ou indiretamente articulado a um projeto nacional de desenvolvimento, o que acaba transparecendo nos objetos em que atua. Problemas científicos surgem de situações de concretude histórica, ainda que possam ser abstratos de maneira intrínseca. Oferece exemplos como o da problemática científica ocorrer de uma maneira na Rússia, de outra nos Estados Unidos, outra na França e ainda outra na Alemanha e na Inglaterra. Para Guerreiro, o comportamento dos quadros científicos nesses países é comandado pelas necessidades práticas de suas sociedades. A não existência do trabalho contínuo e da cooperação dos especialistas de uma mesma época levou ao retardamento do aparecimento de uma ciência nacional brasileira. O exemplo fornecido por Guerreiro é o da antropologia brasileira, que não chega sequer a constituir uma ciência nacional.

A questão principal a respeito da antropologia é a transplantação das categorias utilizadas pelos países europeus e pelos Estados Unidos, que segundo Guerreiro foi em larga margem uma espécie de despistamento ou racionalização do próprio processo de espoliação colonial.<sup>XIII</sup>

Acerca de Arthur Ramos, Guerreiro questiona o uso do conceito de aculturação por Arthur Ramos, ao se referir ao povo negro no Brasil. Do ponto de vista do branco, seria uma preservação e expansão da “brancura” da herança cultural nacional, porém do ponto de vista do negro, é vista com muitas reservas. Guerreiro afirma que Arthur Ramos adotou literalmente a abordagem da aculturação sem perceber os limites dela.

Guerreiro Ramos reconhece a importância também de dois congressos que, embora predominantemente acadêmicos, descritivos e brancos, foram desbravadores do caminho para os movimentos de sua época. O 1º Congresso Afro-Brasileiro foi organizado por Gilberto Freyre, na cidade de Recife, no ano de 1934, e o 2º foi organizado por Aydano do Couto Ferraz e Edison Carneiro. Ambos exploraram o que se poderia chamar de africanologia, contendo aspectos da vida e das religiões de parte dos negros brasileiros.

Conforme discutido nas aulas da própria disciplina, a questão do estudo antropológico dos “povos primitivos”, o “primitivo” como material de estudo, é também mencionada por Guerreiro. Outra questão levantada por ele é que a noção de raça norteou durante muito tempo a própria implicação imperialista da Antropologia. Utilizando-se de tal categoria, foram elaborados no Brasil os trabalhos de Nina Rodrigues e Oliveira Vianna.

SILVA, L. G. C. A.

Outros conceitos questionados por Ramos por conta da transplantação de outras realidades e contextos, bem como cheios de resíduos ideológicos, são os de estrutura social, aculturação e mudança social. Para ele, tais conceitos supõem uma concepção quietista da sociedade, contribuindo para ocultar uma medida que seja decisiva para os problemas humanos nos países subdesenvolvidos. Acarretam considerável fator de alienação.

Segundo Guerreiro, nossos grandes problemas antropológicos, a saber, do índio e do negro, são aspectos particulares do problema nacional, de aspecto econômico e político. O que faz com que o antropólogo que não lance mão de uma teoria geral da sociedade brasileira torne-se uma espécie de “mercenário inconsciente” ou “inocente”.<sup>XIV</sup>

Prossegue o autor fazendo críticas de diversos nomes importantes e estudados até os dias de hoje, que incorreram em inúmeros erros. Entre os nomes estão, além dos supracitados Nina Rodrigues e Oliveira Vianna, Silvio Romero, Alberto Torres e Euclides da Cunha. Oliveira Vianna, por exemplo, incorreu na tese do “branqueamento”, por conta do aumento da imigração europeia de brancos no Brasil, o que segundo ele levaria a modelar os “mestiços” pelo tipo do homem branco. Ramos assevera que Vianna incorreu no erro de confundir o social com o biológico duas vezes. Primeiramente quando admite que um sangue específico (o do branco) possa ser responsável por uma melhoria de caráter cultural e depois por interpretar um aumento da proporção de “brancos” como um processo primário de biologia. Ramos afirma que Vianna não poderia incorrer neste erro após ter acertado tanto no chamado “caráter transplantado da cultura brasileira”.

Ramos afirma que Vianna foi vítima do excesso de uma de suas qualidades, que foi fazer da sociologia um instrumento de autodeterminação nacional, o que seria perigoso quando não se possui instrumentos seguros de conhecimento científico. Ao invés de fazer ciência, Vianna efetuou uma reação infeliz do orgulho nacional ofendido em lação ao problema étnico brasileiro, fazendo dessa forma uma apologia, e não uma ciência. Sua visão sobre o problema étnico brasileiro deveria ir, de acordo com Ramos, para as gavetas do arquivo de nossa sociologia, pois documentam o nosso preconceito. Ainda assim, Ramos afirma admirar o escritor, sendo um mestre apesar de todos os seus erros, integrando, juntamente com Silvio Romero, Euclides da Cunha e Alberto Torres a corrente autonomista do pensamento sociológico brasileiro.<sup>XV</sup>

De acordo com Ramos, o negro, no domínio da sociologia brasileira, foi um problema porque seria portador de traços culturais vinculados a culturas africanas. Os primeiros estudos foram relacionados às formas de religiosidade do negro, ainda que o negro não tivesse uma religião específica, tendo em vista que uma grande massa de negros e mestiços abraçou a religião católica, predominante no Brasil. A cor da pele do negro, parece consistir num obstáculo, uma anormalidade a ser sanada. Na cultura brasileira o branco seria o ideal, a norma, o valor. Por conta disso, merece uma atenção especial o que tem sido chamado pelos sociólogos de “problema do negro”.

Guerreiro afirma que o processo de europeização do mundo abalou os alicerces das culturas que alcançou. Por conta da superioridade material e prática da cultura ocidental comparada em contraste com os povos e culturas não europeias, tal superioridade produz, nestas últimas, manifestações patológicas. Uma das patologias culturais consistiria em, sobretudo no campo da estética social, na adoção de padrões estéticos exógenos, que não estavam induzidos diretamente nas circunstâncias naturais e historicamente vividas. Guerreiro coloca que o “desejo de ser branco” afeta de maneira intensa os nativos governados por europeus.

Negros europeizados detestam referências à sua condição racial e tendem a negar-se como negros. Guerreiro diz ter verificado, quando realizava uma pesquisa, o vexame com que

SILVA, L. G. C. A.

algumas pessoas de cor respondiam a um questionário sobre preconceitos raciais. No caso do Brasil, o país não escaparia, de acordo com Guerreiro, da patologia coletiva descrita acima em relação à estética social. A adesão psicológica a um padrão estético europeu sempre foi comum ao brasileiro, vindo “acidentes étnicos” do ponto de vista do europeu. Guerreiro coloca que a psicologia coletiva brasileira é, do ponto de vista da ciência social, de caráter patológico, pois traduz um critério artificial, estranho à vida, um caso de alienação que consiste na renúncia de critérios locais ou regionais de julgamento do belo, por uma subserviência inconsciente a um prestígio exterior.

Para Guerreiro, o problema efetivo do negro no Brasil é em essência psicológico e de maneira secundária, econômico. O autor justifica sua afirmativa dizendo que desde que o negro foi definido com um componente normal da população do país, como parte do povo brasileiro, não faz sentido falar de um problema do negro que seja puramente econômico, alheio ao problema geral de classes desfavorecidas ou do pauperismo, já que o negro é povo, no Brasil, e não um componente estranho de nossa demografia. É o inverso, pois é a mais importante matriz demográfica do povo brasileiro, o que deveria ser erguido à categoria de valor, como exigência de uma dignidade e orgulho de um povo independente. A condição do negro no Brasil seria sociologicamente problemática por conta da alienação estética do próprio negro e pela hipercorreção estética do branco brasileiro, por buscar a identificação com o europeu.<sup>XVI</sup>

Dessa maneira, para Guerreiro, a sociologia do negro no Brasil é em si mesma um problema e um engano a ser desfeito. Tal coisa, para ele, só poderia ser feita através de um trabalho de crítica e autocritica, o que caracteriza a ciência em si. Sem crítica e autocritica, não pode haver ciência. A intolerância não pode se coadunar com o espírito científico, mas sim a abertura e a disposição de rever as suas posturas, seja para corrigi-las ou para superá-las.

Concordando com a visão de Guerreiro Ramos, em grande margem, até sua época, e certamente em alguma medida, também até hoje, a sociologia no Brasil tem sido um dialeto da sociologia europeia ou norte-americana, ainda precisando buscar a autoconsciência do processo de amadurecimento.<sup>XVII</sup>

Acerca do Teatro Experimental do Negro, Ramos indicava que representava o amadurecimento ou eclosão de ideias que estariam mais implícitas do que explícitas na conduta de grupos, associações ou pessoas desde o início da formação da sociedade brasileira. Entre os marcos da evolução desta corrente, Ramos aponta os trabalhos do africano Chico Rei, que no século XVIII organizou um movimento para que negros fossem alforriados. Arrecadando contribuições de homens de cor por meio de confrarias, fundos de emancipação, caixas de empréstimo, irmandades e juntas, cujas arrecadações eram direcionadas ao pagamento de cartas de alforrias, às insurreições de negros muçulmanos no Estado da Bahia, os quilombos, como o de Palmares, o movimento abolicionista de Luiz da Gama e José do Patrocínio, intelectuais negros, bem como outras iniciativas, tais como o Clube do Cupim e as Frentes Negras de São Paulo e da Bahia. Guerreiro faz ressalvas de considerar todas essas iniciativas apenas como antecedentes, porém não sanciona necessariamente todos os seus intuitos, pois além de carecerem de elaboração teórica, foram, diversas vezes, reações agressivas que não poderiam ser apresentadas como paradigmas. A exceção para ele seria apenas a luta abolicionista, com uma real busca de condição humana para o negro, como sujeito de um ato de liberdade.

Ramos coloca como antecedentes teóricos desta nova posição (do TEN), as figuras de dois intelectuais brasileiros, ambos brancos: Joaquim Nabuco e Álvaro Bomilcar. O segundo, de acordo com Ramos, um nome praticamente esquecido, ao menos até a época em que escreveu este trabalho. Nabuco, um dos líderes do abolicionismo, concebeu, para Ramos, a fase dinâmica do tratamento da questão negra brasileira, em termos ainda atuais.

SILVA, L. G. C. A.

Bomilcar escreveu artigos no início de 1911 na imprensa e organizou um movimento social e político, com a tarefa de acabar com os constrangimentos entre os brasileiros claros e escuros. Ramos coloca que a obra de Bomilcar, embora precária, não deixa de ser o documento mais importante do diagnóstico científico de nossa questão racial, ainda na fase republicana.

Ramos coloca o TEN como uma manifestação consciente de que o negro se recusa a servir apenas como um tema de dissertações “antropológicas”, passando a agir no sentido de desmascarar os preconceitos com origem na cor. Entre os eventos patrocinados pelo Teatro Experimental do Negro estão as Convenções Nacionais do Negro, com a primeira realizada em São Paulo, no ano de 1944, e a segunda no Rio de Janeiro, em 1947; A Conferência Nacional do Negro, realizada no Rio de Janeiro, em 1949; o I Congresso do Negro Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 1950. Guerreiro menciona também que Arthur Ramos compareceu à Conferência Nacional do Negro, como convidado.

## Notas

<sup>I</sup> Trabalho de conclusão de disciplina optativa do Doutorado em História Comparada no PPGHC/UFRJ.

<sup>II</sup> Doutorando do PPGHC/UFRJ. Mestre em História pela UNIRIO, Graduado em Ciências Sociais pela UFRJ e em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida/RJ.

<sup>III</sup> Alberto Guerreiro Ramos: Life, work and criticism of the sociology of the negro.

<sup>IV</sup> AZEVEDO, Ariston. *A sociologia antropocêntrica* de Alberto Guerreiro Ramos Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, p. 12, 2006.

<sup>V</sup> Ibid, p. 142.

<sup>VI</sup> NASCIMENTO, Abdias do. “Nós”. *Quilombo*, n. 1, p. 1, 1948.

<sup>VII</sup> Ibid, p. 3.

<sup>VIII</sup> ALBERNAZ, Renata Ovenhausen; AZEVEDO, Ariston. *Os marginais do direito estatal: a luta multidimensional do Teatro Experimental do Negro (TEN) pelo "direito a ter direitos", nos anos de 1944 a 1968* **Revista Brasileira de Ciência Política; Brasília** Vol. 11, p. 44, 2013.

<sup>IX</sup> RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

<sup>X</sup> RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

<sup>XI</sup> AZEVEDO, Ariston. *A sociologia antropocêntrica* de Alberto Guerreiro Ramos Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, p. 197-200, 2006.

<sup>XII</sup> RAMOS, Alberto Guerreiro. *O problema do Negro na Sociologia Brasileira*. Em *Cadernos de Nosso Tempo*, 2: 189-220, jan/jun. 1954. Republicado em Simon Schwartzman, editor, *O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília, Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, p. 39-69, 1981.

<sup>XIII</sup> RAMOS, Alberto Guerreiro. *O problema do Negro na Sociologia Brasileira*. Em *Cadernos de Nosso Tempo*, 2: 189-220, jan/jun. 1954. Republicado em Simon Schwartzman, editor, *O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília, Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, p. 39-69, 1981.

<sup>XIV</sup> RAMOS, Alberto Guerreiro. *O problema do Negro na Sociologia Brasileira*. Em *Cadernos de Nosso Tempo*, 2: 189-220, jan/jun. 1954. Republicado em Simon Schwartzman, editor, *O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília, Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, p. 4, 1981.

<sup>XV</sup> ALBERNAZ, Renata Ovenhausen; AZEVEDO, Ariston. *Os marginais do direito estatal: a luta multidimensional do Teatro Experimental do Negro (TEN) pelo "direito a ter direitos", nos anos de 1944 a 1968* **Revista Brasileira de Ciência Política; Brasília** Vol. 11, p. 44, 2013.

<sup>XVI</sup> RAMOS, Alberto Guerreiro. *O problema do Negro na Sociologia Brasileira*. Em *Cadernos de Nosso Tempo*, 2: 189-220, jan/jun. 1954. Republicado em Simon Schwartzman, editor, *O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília, Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, p. 22-28, 1981.

<sup>XVII</sup> Ibid. p. 29-30.

---

### Referências Bibliográficas

ALBERNAZ, Renata Ovenhausen; AZEVEDO, Ariston. *Os marginais do direito estatal: a luta multidimensional do Teatro Experimental do Negro (TEN) pelo "direito a ter direitos", nos anos de 1944 a 1968* **Revista Brasileira de Ciência Política; Brasília** Vol. 11, 2013.

AZEVEDO, Ariston. *A sociologia antropicêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

BVPS: <<https://bvps.fiocruz.br/vhl/interpretes/guerreiro-ramos/>>  
Acessado em 13/08/2021.

CPDOC: <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/guerreiro\\_ramos](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/guerreiro_ramos)>  
Acessado em 13/08/2021.

NASCIMENTO, Abdias do. "Nós". *Quilombo*, n. 1, p. 1, 1948.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *O problema do Negro na Sociologia Brasileira*. Em *Cadernos de Nosso Tempo*, 2: 189-220, jan/jun. 1954. Republicado em Simon Schwartzman, editor, *O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília, Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, pp. 39-69, 1981.